

A conceptualização de *papel*: uma revisão teórica

The conceptualization of *role*: a theoretical review

Roberta Fernandes Pacheco

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF/Brasil)

RESUMO

A partir das considerações de *papel* de Goffman ([1959] 2005) e a releitura feita por Weizman (2006, 2008) e Sarangi (2010, 2011) em uma perspectiva interacional em cenários profissionais, discutimos neste artigo a noção de *papel* com o objetivo de propor um construto teórico-analítico passível de utilização em futuras pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Papel. Discussão teórica. Construto teórico-analítico.

ABSTRACT

From the role considerations of Goffman ([1959] 2005) and the rereading of Weizman (2006, 2008) and Sarangi (2010, 2011) in an interactional perspective in professional scenarios, in this paper we discuss the notion of paper with the objective of to propose a theoretical-analytical construct that can be used in future researches.

KEYWORDS: *Role. Theoretical discussion. Theoretical-analytical construct.*

* Sobre a autora ver página 80.

1 Considerações iniciais

Neste artigo, discutimos a noção de *papel* com o objetivo de propor um construto teórico-analítico passível de utilização em futuras pesquisas. Para tanto, partimos das considerações de *papel* de Goffman ([1959] 2005) e da releitura feita por Weizman (2006, 2008) e Sarangi (2010, 2011) em uma perspectiva interacional em cenários profissionais.

2 Abordagem de Goffman sobre *Papel*

A abordagem precursora de Goffman ([1959] 2005) sobre papel parte de uma temática teatral, em que o indivíduo é um ator social que representa um personagem a outros atores sociais, e é a partir dessas representações que os papéis vão sendo identificados no encontro social. Longe de uma perspectiva dinâmica do conceito, o autor faz uma distinção entre papel e performance de papel: enquanto papel é a unidade básica de socialização que se desenvolve na representação do encontro social, como um padrão de ação pré-estabelecido e que pode ser apresentado ou executado em outras ocasiões, a performance de papel é exatamente o desempenho situado do papel, definido por Goffman como “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, o desempenho dos outros participantes” ([1959] 2005, p.23).

Na teorização de Goffman, papel é inerentemente social, uma vez que ele se apresenta no encontro social. Contudo, essa apresentação se dá de forma pré-determinada e estática, ou seja, o autor não prevê uma dinamicidade desses papéis exatamente pela interação com o outro. É nesse espaço teórico não preenchido que outros estudos linguísticos vêm explorando a noção de papel. Weizman (2006), por exemplo, pressupõe papel social como uma categorização de membro de grupo, na qual um indivíduo desempenha um papel por considerar-se como “um membro de uma determinada categoria” (WEIZMAN, 2006, p.156). Nessa perspectiva, papel é dependente das relações interpessoais e dos grupos formados por essas relações, isto é, em cada categoria de grupo – seja relacionada a crenças, valores, etnias ou ocupações - há papéis definidos socialmente e cabe ao indivíduo a percepção do papel que deve ser desempenhado em uma dada situação. É a partir da percepção da situação em que se encontra que o interagente torna relevantes alguns papéis em detrimento de outros.

3 Releitura de Weizman

Weizman (2006) aponta que as relações de papel são estabelecidas em dois níveis: o social e o interacional. Papel social se refere ao status social que o participante possui em seu meio social, seja através dos laços pessoais ou profissionais. Já o papel interacional diz respeito aos papéis desempenhados na atividade em curso, que no caso de uma entrevista de notícias, que compõe os dados da autora, pode ser o papel de realizar uma pergunta, fazer declarações, interromper, etc.

Essa conceptualização do papel interacional de Weizman se assemelha mais ao proposto inicialmente por Goffman, ainda que o autor não divida o conceito de papel em categorias. Para a autora, no papel interacional há uma “divisão de papéis pré-determinada pelas expectativas discursivas que pertencem ao evento comunicativo” (WEIZMAN, 2008, p. 174). Dessa forma, é exigido do interagente um determinado papel que será manifestado em determinada interação, o que pode caracterizá-lo também como um papel dado a priori do encontro.

A autora cita alguns exemplos, de seus dados de entrevistas de notícias em contexto israelense para ilustrar que os participantes fazem valer seus direitos e deveres nos papéis desempenhados, através das expectativas interacionais que os circundam. A seguir, três exemplos apresentados pela autora, com suas análises respectivas na sequência do texto:

(1) *Uma entrevista é para perguntar também, não é só uma fala.*¹

(Amnon Levy e Riki Cur, dançarina do ventre, *erev xadash*, 30.6.97.

(2) *Um bom político diz: isto é uma resposta, pergunte de acordo com ela.* (Shim'on Peres, TV Channel 2, [no date]).

(3) *hoje vamos falar com calma, tentando nos aproximar das pessoas, sem interromper um ao outro.*

(Michael Miro, *sixot im ma'azanim* (“Talking with Listeners”), IBA, Channel 2, 30/07/1998) (WEIZMAN, 2006, p. 166).

Nos exemplos acima, os direitos e deveres dos papéis sociais e interacionais dos participantes são colocados em evidência. Em (1), o entrevistador adverte a entrevistada pelo fato dela se recusar a ceder o piso conversacional, atenuando sua reprimenda através de uma perspectiva impessoal, isto é, em vez de criticá-la diretamente, ele usa de uma fala de senso comum para marcar seu direito como entrevistador de realizar perguntas e direcionar a entrevistada, que nesse papel tem o dever de esperar as perguntas para então respondê-las. Em (2), o entrevistado propõe, em tom de brincadeira, sua interpretação da acusação implícita de que políticos geralmente evitam as perguntas dos entrevistadores. Para o entrevistado, é a partir da fala do político que a pergunta deveria ser feita, e não ao contrário, cobrindo assim, pelo uso do humor, sua crítica implícita a seus companheiros políticos. Já no exemplo (3), o requisito interacional da fala não agressiva é explicado pelo entrevistador de um programa de rádio ao ouvinte que liga para participar do programa, usando, inclusive, o atenuador “nós”- *vamos* - e o recíproco “um ao outro”, igualando falante e ouvinte, com o objetivo de estabelecer solidariedade. Apesar da fala atenuadora, fica claro que o entrevistador tem o direito hierárquico de comandar como a interação se dará e cabe ao entrevistado seguir as regras estabelecidas.

É interessante notar nesses exemplos e na análise da autora que não só a execução dos papéis interacionais atende (ou deve atender) às expectativas do evento comunicativo, como também o papel social possui uma expectativa interacional que o circunda, pois espera-se que o papel social manifestado pelo participante, no (13), por exemplo, seja o de político.

¹ Grifos meus.

Destacamos que Goffman ([1959] 2005) já mencionava a influência do contexto situacional na representação do papel, quando afirma que “o papel social é definido como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social” (p. 24), contudo, sem prever a possibilidade de outros papéis sociais também serem manifestados dentro da mesma situação em que determinado papel é esperado.

4 Releitura de Sarangi e Slembrouck

Sarangi e Slembrouck (1996) e Sarangi (2010, 2011) seguem a linha de Weizman na releitura da noção de papel em cenários profissionais. No entanto, em vez de papel interacional, os autores passam a nomeá-lo de papel discursivo em uma clara referência à estrutura de participação de Goffman ([1979] 1998).

Na análise de consultas terapêuticas, Sarangi e Slembrouck (1996, p. 68) defendem que o papel social é interconectado com o papel discursivo, sendo este delimitado pelo papel social tornado relevante no encontro. Os autores exemplificam a discussão com o papel do assistente social, que além de reportar a situação do paciente, ainda pode realizar as tarefas discursivas de aconselhamento às famílias, de assessoria à autoridade policial, de estabelecimento de vínculo entre as várias agências envolvidas no processo, de acompanhamento à vítima, etc. Todos esses papéis discursivos realizados nessas ações são assim executados devido ao papel social de assistente social tornado relevante em uma atividade - consulta terapêutica - que assim o exige. Portanto, essa conexão entre papel discursivo e papel social é dependente do tipo de atividade em questão, o que leva a outra categorização de papel: o papel de atividade (SARANGI, 2010).

O conceito de papel de atividade foi utilizado primeiramente por Clark (1996) na discussão de atividade conjunta na construção da linguagem. O autor afirma que as pessoas que tomam parte dessa atividade conjunta são participantes em papéis específicos, o que ajuda a formar o que cada um faz e a entender o que é feito na atividade; ajuda a determinar a divisão do trabalho na atividade conjunta (CLARK, 1996, p. 37).

A conceptualização de Clark do termo é pertinente a essa discussão porque possibilita delimitar o tipo de atividade em desenvolvimento, através das funções desempenhadas pelo interagente. Apesar de não fazer nenhuma menção ao trabalho de Clark, Sarangi (2010) retoma a base do conceito teórico desse autor, estabelecendo uma relação entre o papel de atividade e o papel discursivo, definindo o papel de atividade como aquele que é dependente da atividade, caracterizando-a. O médico, por exemplo, em uma consulta pode desempenhar um papel de terapeuta, aconselhando e ouvindo o paciente, e também um papel pedagógico como ensinar certos procedimentos de higiene, por exemplo. O papel de terapeuta e pedagogo seriam os papéis de atividade desempenhados pelo papel social de médico naquela atividade. Os papéis discursivos seriam, então, os recursos discursivos que esse médico utiliza para desempenhar essa fala de aconselhamento e de ensinamento de procedimentos. Sendo assim,

Nós podemos estabelecer uma distinção entre papel social, papel discursivo e papel de atividade (SARANGI, 2010). Enquanto papel social se refere às relações sociais entre os participantes (mãe-filho, professor-aluno, etc), papel discursivo se refere às relações entre os participantes e a mensagem (produzida, recebida, transmitida). Papel de atividade é dependente do tipo de atividade na qual o indivíduo está participando e é geralmente definido em relação aos outros participantes (SARANGI, 2011, p. 8)

Das definições de papéis de Sarangi, na citação acima, a de papel de atividade é a que se apresenta menos clara e precisa em termos de reconhecimento no discurso. O autor estabelece dois tipos de relações entre eles e a interação: relações entre os participantes e entre os participantes e a mensagem. Note que o papel de atividade não se afilia a essas relações de imediato, já que é “dependente do tipo de atividade na qual o indivíduo está participando” (cf. citação anterior). A relação entre os participantes é mencionada através de um atenuador “geralmente”.

O próprio Sarangi reconhece, em estudo anterior, que o papel de atividade ainda precisa de uma “calibração” (SARANGI, 2010, p.9), o que não é dado pelo autor em seus estudos que circundam o tema. Apesar de categorizar papel em três tipos, Sarangi não dedica ao papel de atividade o mesmo tempo que dedica ao social e ao interacional. Na verdade, o autor usa o conceito para expandir a noção de hibridismo de atividade – hibridismo interacional (SARANGI, 2000) -, considerando que “todo tipo de atividade é híbrido e esse hibridismo é também manifestado em outros níveis, especialmente em termos dos tipos de discursos e conjuntos de papéis variáveis” (SARANGI, 2011, p. 22). Como para Sarangi toda atividade é intrinsecamente híbrida, reconhecer os papéis de atividade presentes requer uma análise, de fato, mais detalhada, uma vez que variados papéis podem ser manifestados interacionalmente.

5 Pacheco: *papel, posicionamento e atividade híbrida*

Outros estudos exploram o conceito de papel de atividade manifestado na interação. Pacheco (2013, 2018), por exemplo, estuda a tríade papel, posicionamento e atividade híbrida, considerando a leitura de Sarangi (2010, 2011) e Weizman (2006, 2008) das categorias de papel. A autora observa que os papéis de atividade possuem uma hierarquia que é manifestada no discurso, em uma escala de poder que os separam interacionalmente. Veja o excerto abaixo² e os comentários da autora:

² O excerto é retirado do *corpus* de entrevista do programa Roda Viva com o ex-Ministro José Dirceu, no ano de 2010, após ser cassado politicamente pela câmara dos Deputados.

419	Guilherme	[não essa questão] ³
420	Fiuza	>as vezes eu vejo ela< um pouco mal colocada a
421		questão
422		do mensalão porque é muito difícil a opinião pública
423		trazer
424		simular uma corte fazer de novo esse processo.
425		o processo ta correndo, vai vir o julgamento .hh
426		o que <u>mais</u> me impressiona (0,2) nesse episódio (0,2)
		é que você hoje >por exemplo< poderia ta sentado na
		cadeira da dilma, ne? [começou]
427	José Dirceu	[genero]sidade tua
428	Guilherme	é, não- mas o que a gente sabe é o seguinte é:: é::
429	Fiuza	começou o governo lula você foi fundamental (0,2) na
430		criação dessa candidatura lula na ideia do- você as vezes
431		é apresentado como radical. mas eu nao vejo como
432		radical ne? quer dizer na verdade a guinada moderada
433		foi conduzida por voce naquela epoca. o lula tinha
434		dificuldades dentro do pt, tinha desgaste da opinião
435		publica (0,2) era o candidato que perdia ne? você
436		ajudou o lula a tornar palatável aquela vitoria .hh com
437		toda a negociação com a equipe econômica anterior
438		que o paloci participou e você também (0,2) um
439		momento importante da transição brasileira e assume
440		aquele governo muito forte .hh ne? legítimo, renovação
441		etc. tinha todo o respaldo popular e institucional, ne?
442		(0,2) de repente começa a acontecer um negocio que
443		você deve ter uma visão crítica >em relação a isso
444		também< porque <u>houve</u> de FAtó ne? um um desvio,
445		um duto que você chamou de () <u>duto</u> ne? com
446		contratos fictícios de empresas estatais que iam parar
		nos cofres do partido ne? >quer dizer< isso aconteceu
		e aconteceu de maneira sistemática (0,2) eu gostaria de
		saber é:: é:: você tinha <u>muito</u> poder no governo
		inclusive
448	Marília	guilherme a pergunta [por favor]
	Gabriela	
449	Guilherme	[conselhos] condições é:: é:: passavam por
450	Fiuza	você, a minha curiosidade é a seguinte vendo esse esse
451		desvio sistemático (0,2) havia uma doutrina de que o
452		estado precisa fortalecer o partido? houve vista <u>grossa</u> ?
453		houve distração? porque que houve um grande desvio
454		sistemático houve ne? qual a tua avaliação disso?

No excerto acima, a apresentadora Marília Gabriela, desempenhando o papel de mediadora da entrevista, intervém no turno do entrevistador Guilherme Fiuza, na linha 448, cobrando dele a pergunta para o entrevistado – José Dirceu. A sua cobrança se deve ao fato de que o tempo de fala do jornalista é muito grande, sem nenhuma insinuação de pergunta. Ao realizar essa cobrança, Marília orienta os papéis em jogo na interação, determinando o que deve ser seguido em uma relação assimétrica de poder no discurso entre os papéis de atividade: por um lado, o papel de atividade de mediadora que desempenha Marília Gabriela e por outro lado, o papel de entrevistador que

³ As convenções de transcrição encontram-se em anexo.

manifesta – ou deveria manifestar nesse momento da interação – Guilherme Fiuza, ambos ocupando ainda o papel social de jornalista no encontro.

O papel de mediador e também o de apresentador são papéis de atividade que assumem em uma escala de poder de fala e de ações no discurso, um nível alto, se comparado com o papel de atividade do entrevistador e, inclusive, do entrevistado. Como o papel do mediador realiza funções como controlar o tempo, direcionar os temas, alocar o turno de fala, e o papel de apresentador realiza a chamada do intervalo, muitas vezes interrompendo uma pergunta ou uma resposta, esses papéis determinam as etapas seguidas durante o programa e, por conseguinte, possuem tarefas discursivas que se apresentam com prioridades mais visíveis que as outras tarefas imputadas aos outros papéis de atividade. Tanto que os comandos dados por esses papéis são respeitados e não questionados pelos outros participantes (cf. PACHECO, 2018).

Ao analisar os papéis de atividade manifestados no encontro como sendo hierarquicamente mais poderosos uns em relação aos outros e sendo dessa forma reconhecido pelos interagentes, Pacheco (2013, 2018) expande o conceito apresentado por Clark (1996) e desenvolvido por Sarangi (2010, 2011), viabilizando sua aplicação teórica nas análises dos dados, além de abordar essa categoria de papel de forma semelhante, em termos de relevância, as outras categorias amplamente discutidas na literatura sobre o tema.

Sarangi (2010, 2011a, 2011b) defende que, dentro de uma determinada atividade, é possível ocorrer um confronto entre vários papéis. Baseando-se na teoria de Merton (1957, 1968) sobre o “conjunto de papéis” e os “múltiplos papéis” que as pessoas ocupam em suas atividades diárias, Sarangi argumenta que essa distinção conceptual deve ser seguida ao analisar os papéis envolvidos na interação, na tentativa de dar conta dos papéis conflitantes que surgem no encontro.

A teoria de Merton (1957, 1968) tem base sociológica e opera com a relação entre status e papel - social -, considerando como o status social é organizado na estrutura social. O autor parte da definição de status, proposta por Linton (1936), visto como “uma posição em um padrão particular que é uma coleção de direitos” (LINTON, 1936, p.113-114) e papel social como o “aspecto dinâmico de um status [que] coloca os direitos e obrigações que constituem o status em ação” (op. cit.). Merton (1957, 1968) concorda que, nesses termos, status e papéis conectam as “expectativas definidas culturalmente com a conduta e as relações padronizadas que colocam em movimento a estrutura social” (MERTON, 1957, p.110). Contudo, o autor contesta o fato de que para Linton “cada pessoa em sociedade inevitavelmente ocupa múltiplos status e que cada um desses status tem um papel associado” (LINTON, 1936, p. 114). Merton afirma que:

Ao contrário de Linton, eu inicio com a premissa de que cada status social envolve não um simples papel associado, mas um arranjo de papéis. Este aspecto básico da estrutura social pode ser registrado pelo termo conjunto de papéis. Para repetir, então, por conjunto de papéis eu defino as relações de papéis complementares em que as pessoas são envolvidas pelo fato de ocupar um status social particular. Um exemplo: o status do estudante de medicina não implica só o papel de um estudante em relação aos seus professores, mas também uma rede de outros papéis relacionando o ocupante

deste status com os outros estudantes, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, etc. (MERTON, 1957, p. 110).

A definição de múltiplos papéis de Merton, apresentada acima, nos deixa margem para duas interpretações dessa categorização. Ao mesmo tempo em que Merton afirma que cada status social envolve um conjunto de papéis, ou seja, uma única pessoa pode desempenhar diferentes papéis associados, o autor também afirma que o termo conjunto de papéis é usado para definir as relações de papéis complementares em que as pessoas são envolvidas por ocupar um único status social. Essas relações de papéis compõem uma rede em que um status social se relaciona com os outros status da rede. Note que o exemplo do autor, na citação acima, expõe a relação entre um status particular e os outros papéis que compõem a rede de papéis associados e que não são, necessariamente, papéis de um único status: um status de estudante de medicina não implica apenas o papel de estudante em relação aos professores, mas também uma rede de outros papéis, relacionando esse status com os outros papéis de estudantes, médicos, enfermeiros, etc.

Essas considerações de Merton, então, não deixam claro o que seria a definição de conjunto de papéis para o autor: seriam os papéis associados a um único status social ou seria o conjunto formado entre um status social e sua relação com outros status em uma rede associada? Essa discussão é pertinente para o que se pretende chamar de conjunto de papéis. Sarangi (2010, 2011a, 2011b) interpreta a definição de conjunto de papéis de Merton como sendo um conjunto de diferentes papéis que um único status social desempenha. De fato, Sarangi não se atém a essa discussão das possíveis interpretações do texto de Merton, ou pelo menos não considera discuti-las.

Merton argumenta que o conceito de conjunto de papéis “difere do que os sociólogos têm descrito como ‘múltiplos papéis’” (MERTON, 1957, p. 111). Esse último se refere “aos vários status sociais (geralmente em diferentes esferas institucionais) em que as pessoas se encontram – por exemplo, o status de médico, marido, pai” (p. 111). A esse complemento dos distintos status de uma pessoa, em que cada status tem seu próprio conjunto de papéis, o autor denomina de conjunto de status.

Exemplificando, então, essas duas noções que parecem similares, mas possuem naturezas distintas, tomamos o exemplo do papel social de professor. O professor exerce um conjunto de papéis característico; pode desempenhar o papel de orientador, avaliador, diretor de unidade, chefe de departamento, etc. Por outro lado, esse professor possui múltiplos papéis sociais – isto é, seus vários status sociais - podendo também ser marido, pai, religioso, etc.

Em sua teoria, Merton defende que essas noções possuem problemas analíticos que devem ser considerados, principalmente porque esta estrutura social aparentemente simples é extremamente complexa. Para o autor, em toda sociedade, há um problema funcional em articular os componentes dos numerosos conjuntos de papéis na vida diária e em identificar os mecanismos sociais utilizados neste processo de articulação. O problema está em como “os indivíduos lidam com a complexa estrutura das relações em que se encontram” (MERTON, 1957, p.111-112). Merton ainda ressalta que uma vez que os membros de um conjunto de papéis estão situados diferentemente na estrutura social, eles podem ter diferentes interesses, sentimentos, valores e expectativas,

havendo diferenças entre os ocupantes de um dado status. E é a partir dessas diferenças e na conseqüente falha em administrar os distintos papéis envolvidos no contato com o outro que surge “tensão e conflito” (MERTON, 1957, p. 113).

A questão do conflito que circunda as noções de conjunto de papéis e múltiplos papéis foi abordada por Sarangi (2010, 2011) em sua teorização de hibridismo de papel, isto é, os distintos papéis que um indivíduo pode desempenhar, potencialmente, no curso de uma interação. O autor pontua que a tensão e a complementariedade são conceitos que facilitariam diferenciar o conjunto de papéis dos múltiplos papéis. Enquanto a complementariedade, para o autor, é perceptível nos dois conceitos, a tensão seria mais perceptível no conjunto de papéis, uma vez que um profissional poderia exercer diversos e conflitantes papéis em um encontro.

Pacheco (2013) discorda de Sarangi em relação à característica da tensão que faz com que esses dois conceitos se diferenciem. Para a autora, os múltiplos papéis também podem ser fonte de conflito em sua manifestação na atividade:

Nos papéis associados aos múltiplos papéis, a tensão é visível, quando, por exemplo, na entrevista com José Dirceu⁴, o desempenho dos papéis de lobista e/ou consultor entram em conflito com os papéis de ministro e/ou ex-ministro, pois a esses últimos papéis é atribuído o conhecimento de informações privilegiadas, o que impede a atuação como consultor e/ou lobista (PACHECO, 2013, p. 100).

Caminhando para o fim dessa discussão teórica sobre papel, não se pode deixar de mencionar a interface entre papel e posicionamento que Weizman (2008) e Pacheco (2013) desenvolvem em seus estudos.

Weizman, em seu livro intitulado “Posicionamento no diálogo da mídia” (2008), se engaja “em uma microanálise textual, empiricamente baseada, dos padrões discursivos, adotando algumas das diretrizes centrais do posicionamento, principalmente sua dinamicidade [e] natureza relacional” (WEIZMAN, 2008, p.14). A autora recupera a teoria do posicionamento⁵ para examinar a conduta dos participantes de entrevistas de notícias na negociação de suas posições no curso da interação. Considera que o conceito de posicionamento opera em conjunto com a noção de papel, descartando a possibilidade de uma noção ser excludente da outra:

⁴ Nesse trecho da entrevista, José Dirceu é questionado sobre seu trabalho atual (à época da entrevista), uma vez que já havia sido cassado politicamente e estava aguardando julgamento no STF. Ele se apresenta como consultor, enquanto os entrevistadores lhe atribuem o papel de lobista. Como ex-Ministro da Casa Civil do governo Lula, o papel de consultor/ lobista entraria em choque com o papel de ex-Ministro.

⁵ A Teoria do Posicionamento (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999) surgiu como uma alternativa à concepção estática da noção de papel na visão dramaturgica de Goffman ([1959] 2005), atribuindo à posição um conceito mais dinâmico e interacional. Os autores definem o posicionamento como um processo discursivo pelo qual as pessoas são localizadas nas conversas como participantes coerentes em linhas de história – storylines – que são construídas conjuntamente.

do ponto de vista conceitual, eu postulo a conexão entre posicionamento, papel e desafio. Seguindo os teóricos do posicionamento, eu vejo o *posicionamento* como englobando uma dimensão dinâmica. Eu ainda acredito que o posicionamento pressupõe o papel: um falante é sempre *posicionado em um papel*⁶. Nesta visão, o posicionamento é indexado pela percepção do interlocutor de seus papéis respectivos e as expectativas que implicam esses papéis (WEIZMAN, 2008, p. 177).

Weizman associa o desafio às noções de posicionamento e papel, considerando que o desafio tem “um status privilegiado nas entrevistas de notícias” (WEIZMAN, 2008, p. 178), embora não seja uma condição necessária para a coconstrução do posicionamento. A presença do desafio como um componente desta relação se deve à natureza da atividade analisada pela autora, que considera as entrevistas de notícias “um ambiente de confronto” (p. 178) em que disputas de pontos de vista estão em evidência na atividade, frequentemente através do conflito.

Pacheco (2013) também visualiza esse ambiente de confronto em seus dados de um programa de entrevista, no qual os participantes percebem o ambiente conflituoso na defesa de seus pontos de vista. Essas defesas perpassam a negociação dinâmica de posições e papéis introduzidos e reintroduzidos ao longo do encontro. Para a autora, a teoria do posicionamento facilita essa análise da dinamicidade dos papéis e das posições atribuídas e assumidas em cada papel. Pacheco considera que o participante se posiciona e se reposiciona todo o tempo em seus papéis desempenhados na atividade, sendo essa interface fundamental na análise interacional do discurso.

6 Considerações finais

A conceptualização teórica de papel tem sido discutida em diferentes campos da linguagem e com propósitos diferenciados.

Nos estudos da sociologia de Goffman ([1959] 2005), papel é inerentemente social: desempenhado por atores sociais em encontros sociais. O autor estuda a conduta social, tendo o discurso não como o centro dela, mas como parte dela.

O papel também é visto como unicamente social nos estudos de Merton (1957, 1968), também de base sociológica. No entanto, ao contrário de Goffman, Merton considera os diferentes papéis que surgem no encontro, discutindo as noções de conjunto de papéis e múltiplos papéis, a partir da definição de status de Linton (1936). Contudo, nenhum dos autores possuem a visão de papel dinamicamente interacional.

Na linha sociointeracional discursiva, Sarangi e Slembrouck (1996), Sarangi (2010, 2011), Pacheco (2013, 2018) e Weizman (2006, 2008) abordam papel de forma dinâmica e interacional. Enquanto os três primeiros o categorizam em social, discursivo e de atividade, Weizman lhe atribui apenas duas categorias: interacional e social. Essas categorizações são baseadas em estudos em cenários profissionais e entrevistas/ debates televisivos.

⁶ Grifos no original.

Depois revisão teórica da literatura pertinente sobre o tema, a nossa proposta é considerar papel como um construto social, discursivo e inerente à atividade, de base teórica-analítica, passível de categorizações e aplicado não só nas discussões teóricas e analíticas sobre o próprio conceito, mas também como ferramenta de análise de dados de outras noções teóricas associadas às práticas discursivas interacionais. Papel, por exemplo, pode ser usado nos estudos sobre a prática da evasão, sobre a importância do telespectador/ouvinte como regulamentador da interação, na área da formação de professores, no estudo das práticas jurídicas, nas pesquisas sobre as relações de poder, nos estudos sobre face e tantos outros, uma vez que entender as relações de papel estabelecidas em uma interação permite ao analista visualizar de que forma o discurso é construído e organizado interacionalmente, tornando-se uma ferramenta útil na análise de distintos conceitos teóricos.

REFERÊNCIAS

- CLARK, Herbert. Joint Activities. In.: _____. **Using language**. Cambridge University Press. Cap. 2, p. 29-58, 1996.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In.: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (org.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, p. 70-97, [1979] 1998.
- GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. 13ªed, ed Vozes, Petrópolis [**On The presentation of self in everyday life**. New York: Doubleday, 1959], 2005.
- LANGENHOVE, L.V.; HARRÉ, R. Introducing positioning theory. In.: HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L.V. (orgs). **Positioning Theory: moral contexts of intentional action**. Oxford: Blackwell Publishers, p. 14-31, 1999.
- LINTON, Ralph. **The Study of Man**. New York: D. Appleton-Century, 1936.
- MERTON, Robert K. **The Role-Set: Problems in Sociological Theory**. The British Journal of Sociology, Vol. 8, No. 2. (Jun), p. 106-120, 1957.
- MERTON, Robert K. **Social Theory and Social Structure**. Enlarged edition. New York: Free Press, 1968.
- PACHECO, Roberta F. **A construção/negociação de papéis e posições em uma atividade híbrida de entrevista-debate**. 139fl. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.
- PACHECO, Roberta F. **A dinamicidade de papéis e posições em uma entrevista-debate**. Revista Recorte, Unincor, *no prelo*, 2018.
- SARANGI, Srikant. Activity types, discourse types and interactional hybridity: the case of genetic counseling. In.: _____.; COULTHARD, M. (eds.). **Discourse and Social Life**. London, Pearson, p.1-27, 2000.

SARANGI, Srikant. **Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters.** Journal of Applied Linguistics and Professional Practice. P. 75–95, 2010.

SARANGI, Srikant. Role hybridity in professional practice. In: _____; POLESE, V.; CALIENDO, G. (Eds.) **Genre(s) on the Move: Hybridisation and Discourse Change in Specialised Communication.** Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane (ESI), 2011.

SARANGI, Srikant; SLEMBROUCK, S. **Language, Bureaucracy and Social Control.** London: Longman, 1996.

WEIZMAN, Elda. **Roles and identities in news interviews: The Israeli context.** Journal of Pragmatics, 38, p. 154–179, 2006.

WEIZMAN, Elda. **Positioning in media dialogue: negotiating roles in the news interview.** Série Dialogue Studies. Amsterdam – Philadelphia. John Benjamins Publishing. 2008.

Recebido em 31 de julho de 2018.

Aprovado em 20 outubro de 2018.

Publicado em 30 de dezembro de 2018.

SOBRE A AUTORA

Roberta Fernandes Pacheco é doutora em linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF desde 2010, atuando na área de língua espanhola.
E-mail: robertafepacheco@gmail.com